

## Coluna do Castello

JORNAL DO BRASIL

### Entenda, se puder (II)

Como se sabe, o deputado baiano Carlos Sant'Anna é líder do governo na Câmara. Como se presume, líder do governo é aquele que deve expressar as posições do governo que representa e se articular para que melhor sejam servidos os interesses do seu patrão imediato. No debate constituinte sobre a saúde pública, o governo está de um lado e seu líder do outro. Ex-ministro da Saúde, Sant'Anna não disfarça sua preferência por uma presença maior do Estado no setor onde, de 500 mil leitos existentes no país, a iniciativa privada é dona de 400 mil.

Nada demais que Sant'Anna se comporte assim — a Constituinte instalada em Brasília é generosa em termos de infidelidade política, anima a coligação de forças e de interesses dispares e acaba, por isso mesmo, refletindo a face de um país ideologicamente confuso e de pouca ou de nenhuma tradição partidária. Desculpe-se Sant'Anna: na verdade, seu governo não adotou, até aqui, diretrizes claras quanto à saúde pública e quanto a quase nada em matéria de princípios constitucionais — à exceção da extensão do mandato do presidente para cinco anos.

De resto, Sant'Anna conserva o título de líder mas perdeu a função, na prática, para o deputado Bernardo Cabral — que, ao invés apenas de relatar a próxima Constituição, negocia com as diversas instâncias do governo artigos do interesse delas. O governo que não dispõe de um articulador político, que tem um ministro da Justiça que consegue desconhecer a existência de uma Constituinte a menos de 500 metros do seu gabinete, tem uma porção de interlocutores tidos e havidos como habilitados, embora pouco se habilitem a se entender entre si.

Entre eles, o senador Virgílio Távora, do PDS cearense, é de longe o mais discreto — e talvez, ultimamente, um dos mais eficientes. Conseguiu a proeza de ser ouvido com atenção por um presidente da República, em tese, adversário político seu — e de poder circular em todos os grupos de constituintes, da extrema direita à extrema esquerda. Virgílio está com Sarney, e não recua, na fixação do mandato presidencial em cinco anos — assim como está na companhia do senador Severo Gomes, da esquerda do PMDB, e não cede, na definição do conceito de empresa nacional.

Os mais conservadores custaram a descobrir que foi Virgílio, e não Severo, quem mais fincou pé no estabelecimento de restrições à entrada de capital estrangeiro no país. A dobradinha Virgílio-Severo reúnem-se, por exemplo, Sant'Anna e os senadores Fernando Henrique Cardoso e José Richa na briga pela ampliação do grau de estatização do sistema financeiro que o governo jura que

pretende diminuir com a ajuda do voto dos constituintes Francisco Dornelles, do PFL, Roberto Campos e Delfim Netto, estrelas do PDS.

Não é pouca coisa em termos de salada ideológica — mas não é tudo, é quase nada. Sem sede própria e sem estatutos, vigora, informalmente, na Constituinte, o Partido Tecnocrata Nacional (PTN) — um agrupamento de políticos de todos os matizes que se juntaram com a firme determinação de enxugar as despesas da União que o presidente Sarney deixou que disparassem para fazer face ao ralo apoio que os partidos devotam ao seu governo.

Brilham juntos na liderança do PTN os deputados Francisco Dornelles e José Serra — o primeiro, ex-ministro da Fazenda, o segundo, ex-presidente da UNE e ex-exilado na década de 60. Dornelles, Serra, Fernando Henrique Cardoso e o moderado deputado Fernando Coelho, do historicamente radical PMDB de Pernambuco, se aliam na subtração de recursos da União para distribuí-los aos estados e municípios.

Do outro lado da trincheira tributária, em favor do governo, alinham-se Virgílio e o deputado baiano Prisco Viana, do PMDB — este último, ex-secretário-geral da época em que o PDS era presidido por Sarney, um dos mais devotados amigos e confidentes do presidente da República. Na defesa intransigente do presidencialismo que Sarney tanto deseja ver mantido como sistema de governo, Prisco não se acanha de estar na companhia direta de Luiz Inácio da Silva, Lula, e do seu PT, e na indireta de Leonel Brizola e do seu barulhento PDT.

Tem o combate em torno do sistema de governo a característica de ser o mais capaz de aproximar os contrários na Constituinte. Ele produziu, também, um ser híbrido conhecido entre os constituintes como *curinga* — aquele que é parlamentarista dentro do prédio do Congresso e presidencialista entre as paredes do Palácio do Planalto. O deputado maranhense Cid Carvalho, do PMDB, é tido como *curinga* — consta da lista de votos favoráveis ao presidencialismo atualizada, periodicamente, pelo ministro Ronaldo Costa Couto, do Gabinete Civil, mas outro dia interrompeu uma reunião de alguns dos seus pares para aplaudir o parlamentarismo. Com fervor.

A versatilidade do *curinga* só é superada, pelo menos em importância, pela exibida por todos os grupos políticos que habitam a Constituinte, independentemente de filiação, cor e credo religioso: à luz de refletores, alguns falam bem do governo. A portas fechadas, todos falam mal.

Ricardo Noblat (Interino)